

Lívia

Vera Lamanno-Adamo

Comentado por:

Maria Carolina Scoz e Rahel Boraks

Vera Lamanno-Adamo é psicanalista e escritora, membro efetivo e didata na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e na Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas. Mestre em Humanistic Psychology pela Antioch University (Antioch for British Studies, Londres). Doutora em Saúde Mental pela Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. Autora de livros e artigos publicados em revistas nacionais e internacionais. Publicou recentemente *Narciso sob tinta: fisgando o humano* (Blucher, 2023).

Maria Carolina Scoz é doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Membro Associado na Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas. Publicou recentemente o livro *No calor das coisas: crônicas psicanalíticas* (Antonelli e Scoz, Blucher, 2023).

Rahel Boraks é psicóloga formada pela PUC-SP, psicanalista membro efetivo da International Psychoanalytic Association (IPA), analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

DOI: 10.70048/percurso.72.113-128

Lívia iniciou análise, três vezes por semana, aos 34 anos de idade. Estava tentando progredir na carreira profissional, mas sem sucesso. Não conseguia estudar, não conseguia se concentrar e apresentava depressão há quatro anos. Relata que consultou psiquiatras, que já havia tomado diferentes medicações sem nenhuma melhora.

Tive oportunidade de acompanhar, no início da análise, a turbulência emocional em que Lívia mergulhou quando se sentiu fortemente atraída por um colega. O desejo sexual que sentia por esse homem provocou um estado mental de intensa desorganização e tumulto. Ficava em casa andando para lá e para cá esperando um telefonema, um convite para um encontro, mas quando isso acontecia ela desistia na última hora, até esse homem deixar de se comunicar. Pouco tempo depois reencontrou um amigo da adolescência. Iniciaram um namoro e Lívia engravidou meses depois. Uma gravidez conturbada que colocou o bebê e ela mesma em risco. Nos últimos meses de gravidez, como estava em repouso absoluto, as sessões aconteciam em seu quarto. Quando o filho completou um ano, Lívia se casou, um casamento seco, com quase nada de comemoração, pois estava vivendo tudo isso de forma tumultuada. Lívia sentia-se muito desconfortável com o fato de ter engravidado antes de se casar.

Lívia oscilava entre a apatia e o caos. Ora apresentava-se num estado de quase total entorpecimento, ora mergulhada num estado de desorganização que a impedia de se concentrar, de trabalhar, de cuidar da casa. Dizia que, nos finais de semana, passava horas feito barata tonta, sem conseguir fazer nada do que havia planejado.

Antes de engravidar sua fala concentrava-se, basicamente, na sua insatisfação com o trabalho; depois que teve o filho, sua queixa

passou a versar sobre a falta de desejo sexual pelo marido.

Nesse período da análise Livia gemia, se lamentava de muitas dores físicas e se queixava do marido ausente. O campo onírico apresentava-se obstruído por um excesso de concretude e objetividade. Quando Livia não estava gemendo e se lamentando de dores físicas, relatava fatos concretos: problemas no trabalho, aborrecimento com o marido e esperava de mim “dicas” para solucioná-los. Predominava em nossos encontros um sofrer sem sofrimento, um querer sem vontade, um raciocínio sem pensamento.

Em uma das sessões, quatro anos após o início da análise, quando Livia trazia uma vez mais sua falta de desejo sexual pelo marido, sua insatisfação com o casamento e enfatizou a falta que sentia de seu pai, me lembrei de um poema de Mailliet. Já havíamos conversado sobre suas queixas, fundamentada no que fui conhecendo ao longo de nossos encontros, sob vários prismas: seu terror em se entregar ao mundo dos sentidos, sua dificuldade em viver a penetração como fonte de prazer e criatividade, seu desejo e medo de se tornar uma devassa, seu medo de nascer como mulher e mãe.

Mas, dessa vez o que me veio à mente foi o poema de Antonine Mailliet. Conheci esse poema a partir de uma entrevista de Reeves, renomado astrofísico, na Rádio Televisão Belga. Reeves utiliza o poema de Mailliet para recolocar a atividade artística na evolução do mundo, o que lhe valeu o apelido de “o poeta da astrofísica”. Reeves é um grande admirador de Winnicott; para ele, o telescópio é, em certo sentido, o prolongamento do urso de pelúcia de sua infância.

Compartilhei com Livia o poema de Mailliet:

Escrevo porque tenho a impressão e sentimento de que o mundo é inacabado, como se deus, que criou o mundo em seis dias e que descansou no sétimo, não tivesse tido tempo de fazer tudo. Acho o mundo pequeno demais, a vida demasiado curta, a felicidade insuficiente, escrevo para acabar o mundo, para acrescentar à criação o oitavo dia.



Reeves utiliza o poema de Mailliet para recolocar a atividade artística na evolução do mundo, o que lhe valeu o apelido de “o poeta da astrofísica”

Em seguida, disse a Livia que tinha a impressão de que o sentimento de mundo inacabado, pequeno demais, de vida demasiado curta, de felicidade insuficiente, não gerava nela o desejo de ser uma artesã do oitavo dia, e sim uma revolta paralisante.

Terminei essa sessão pensando que através do poema de Mailliet tentávamos alcançar linguagem simbólica ao incompleto, pequeno demais, insuficiente, imperfeito, inerentes à condição humana, mas vivenciados por Livia como algo desprezível e revoltante.

Na sessão seguinte, Livia deitou-se no divã e já foi logo dizendo (geralmente ela ficava longos minutos em silêncio, deitava-se com as mãos cruzadas no peito me dando a impressão de que estava em sono profundo): “ontem ficou comprovado o que sempre pensei sobre a psicanálise... um tratamento longo e dispendioso que nos faz chegar ao óbvio, ao que sabíamos desde o início, e quando a gente chega a esse ponto é hora de parar a análise, daí pra frente é só se conformar que a vida é assim mesmo, os que se conformam se saem melhor”.

A fala de Livia me chegou como um bofetão. Mas a partir daí ficou mais evidente, para mim, os movimentos de oposição de Livia à gratidão e à criatividade. A poética de Mailliet, aquele momento único de experiência estética entre nós, foi pulverizado e reduzido a “conhecimento do óbvio”.

Será que Livia teve infância, ursinho de pelúcia? O que ocorreu de tão insuportável no nosso encontro anterior que só pôde ser conhecido através da intelectualidade e não pelos sentidos? Tentativa de neutralizar a aproximação com a analista



*quando Ismália enlouqueceu
pôs-se na torre a sonhar,
viu uma lua no céu, viu outra lua
no mar... é uma poesia,
não sei de quem*

e com sua vida psíquica para evitar sofrimento? Uma maneira contundente de sustentar a esterilidade emocional?

A partir desse momento, apesar de Livia continuar gemendo e se lamentando, em algumas raras sessões conseguimos dar algum sentido à sua dor. Mas, na sequência, Livia dizia não estar com vontade de vir à análise e ameaçava parar. Esse padrão foi ficando tão repetitivo que, muitas vezes, eu já me adiantava: “já sei, você vai me dizer que não quer vir mais”. E Livia esboçava um sorriso.

As sessões prosseguiram nesse ritmo até que em uma delas Livia me comunicou que estava com gripe e me perguntou se teria um outro horário para atendê-la. Disse-lhe que não tinha. Na sessão seguinte, Livia retoma a questão sobre parar a análise e em algum momento disse que nunca concordou com esta história de os analistas cobrarem a sessão em que o paciente não vem; que nós, analistas, não queremos lidar com os possíveis danos de nossa profissão, e que esta atitude denuncia um uso ilícito do poder.

Disse a ela de maneira firme que não tinha horário. Livia insistiu que cobrar do paciente a sessão que não vem é uso ilícito de poder e que está com muita vontade de encerrar a análise.

– Você vai ter que decidir se quer continuar, frisei.

Livia saiu da sessão pisando duro e me fuzilando com o olhar.

Frustração, inveja e ciúmes estavam aflorados.

Livia expressou a dimensão do seu ódio e sobrevivemos. A partir desse momento, mostrou-se mais colaborativa e acenava uma certa curiosidade a respeito de si.

Em um de nossos encontros, quando lhe comuniquei que ficava na “torre” para não sofrer dor, Livia imediatamente se pôs a recitar:

– Quando Ismália enlouqueceu pôs-se na torre a sonhar, viu uma lua no céu, viu outra lua no mar... é uma poesia, não sei de quem, talvez, Manoel Bandeira, conheci essa poesia quando eu estava no ginásio, mas não me lembro do resto, só deste pedaço, é o começo.

Nessa ocasião, interpretei que estávamos inaugurando a possibilidade de alcançar alguma compreensão sobre o seu desamparo e isolamento.

Algumas semanas depois, “Ismália” retornou à sessão e questionei o que poderia tê-la colocado na “Torre”. Livia me contou que nasceu de oito meses, pois sua avó havia falecido e esse fato apressou o parto. Disse também que, meses antes de ser concebida, sua mãe tinha tido um aborto. Imediatamente após esse relato me lembrei da poesia de Maillat, introduzida na análise três anos antes. Através desse poema e de *Ismália*, buscávamos sair da imobilidade e alcançar linguagem simbólica para angústias primevas permeadas por violenta turbulência emocional.

Na sessão seguinte, Livia traz pela primeira vez o relato de um sonho: “Estou vindo para a análise, mas é uma casa, e o divã é uma cama de casal, o meu marido e o meu ex-namorado estão deitados juntos comigo. Quando você chegou eu peguei na mão uma semente grande, redonda que estava em cima da minha barriga. Eu abri para ver o que tinha dentro”.

– Acho, Vera, que eu quero muito descobrir aqui o que se passa comigo, o que se passa na minha relação com o meu marido, o que, de fato, aconteceu comigo aos vinte anos com o E. (namorado de vários anos), o que aconteceu comigo que fui perdendo o interesse, minguando.

Salientei que ela estava querendo descobrir o que se passava no seu interior, que percebia nela uma curiosidade a respeito de si: você começa a reconhecer, Livia, um espaço interno que contém muitas vivências para serem reconhecidas e compreendidas.

Após seis anos de análise, narrativas sobre suicídio, perda, exclusão e morte começam a



emergir nos nossos encontros, e a memória surge em contraponto à ameaça de morte psíquica.

Trago abaixo o relato de duas sessões consecutivas desse período da análise.

Lívia deita-se como geralmente o faz, com as mãos cruzadas na barriga, imóvel, quase nenhum sinal de vida. Espero alguns minutos para ver se ela reage, penso se devo ou não estimulá-la. Espero mais um pouco e então falo: E aí, Lívia?

– Hein? Ahn? (era como se eu a tivesse tirado de sono profundo).

– Te tirei da “Torre”?

– Estou mal. Estou mal, Vera (fala baixinho, é mais um gemido do que uma fala). Acho que é tristeza... não sei... não estou zumbi, acho que é mais para tristeza (nesse ponto tenho que fazer muito esforço para não cair num agudo estado de desânimo, para manter minha mente vitalizada), e então eu digo (mais para não sucumbir do que qualquer outra coisa): está desiludida, descrente?

– Não sei, não tenho ânimo pra nada, tenho que fazer muita força para trabalhar, voltar pra casa, ficar com meu filho, e P. (marido) sempre daquele mesmo jeito na frente do computador, ele nem olha pra mim. Vera, eu sei que você vai me dizer da minha necessidade de ser olhada, ouvida, mas ele não coopera.

– Essa Falta tremenda que te acompanha desde sempre...

– Então... A gente vem conversando disso e sabe que eu acho que você tem razão, eu não me lembro de ninguém da minha infância, não me lembro da minha mãe, do meu pai, só alguns momentos, pois quando ele chegava em casa “pra lá de Bagdá”, a gente ficava no quarto, eu e minha irmã, mas eu não me lembro de brincar com ela. Acho que os meus pais saíam muito, viajavam muito, estou me lembrando de que ficava muito tempo na casa da tia D. Ela morava com uma outra irmã da minha mãe, essa já morreu, mas a tia D. cuidava muito de mim. Eu ficava na casa dela e, me lembro, brincando sozinha. Gostava de jogar bola, estou me lembrando, eu gostava do

Lívia passa a relatar com algum detalhe a casa de sua tia, a cidade onde moravam, a amiguinha da infância com quem sempre brincava

quintal da casa, eu descia uma escada para chegar lá e tinha muitos vasos de flores beirando o muro (nesse momento ela descreve o nome de todas as flores e a cor delas). Era um casarão enorme, gostava também de brincar no vão da escada, mas tinha dias também que a minha tia ia para casa cuidar de nós, quando minha mãe estava ocupada.

Nesse momento, Lívia passa a relatar com algum detalhe a casa de sua tia, a cidade onde moravam, a amiguinha da infância com quem sempre brincava. Foi um relato vivo que me fez conhecer um pouco de sua infância.

– Você está recuperando a memória, Lívia.

– E está sendo bom, Vera. Quando a minha tia morreu eu não estava bem com ela, estava com raiva dela e nem me importei muito com a sua morte. Agora, falando aqui sobre ela, estou podendo recuperar o tanto que ela cuidou de mim, como ela era carinhosa comigo.

Prenúncio de gratidão?

Ficamos em silêncio alguns minutos e então Lívia me falou sobre uma propaganda que tinha visto na televisão: Um homem no meio de um campo florido sob um céu muito azul. Há também balões muito coloridos que, na medida em que vão estourando, se transformam numa nuvem cinza. Essa imagem vem acompanhada da seguinte fala: *isso é o que acontece com cada sonho que você não realiza.*

– Fico muito pensativa quando vejo essa propaganda... acho que eu fui fazendo isso com a minha vida e agora vivo sob uma densa nuvem cinzenta... é por isso, Vera, que estou pensando muito seriamente em pegar parte da minha herança e comprar uma casa. Acho que seria muito



Lívia passa a descrever como é a casa de seus sonhos: não muito grande, quintal com muita grama e flores, uma piscina pequena, churrasqueira, um forno para assar seus pães de queijo

mais feliz numa casa. Quero cozinhar para o meu filho enquanto ele brinca no quintal, quero pisar no chão descalça, sentar no jardim, cuidar das plantas.

Segue-se daí uma longa descrição de todas as coisas que poderia fazer caso morasse numa casa. Digo-lhe que neste momento está recuperando memória e desejo.

Simbolização em torno da maternidade, feminilidade, sexualidade, fertilidade está em emergência.

Depois de uma longa pausa Lívia passa a descrever como é a casa de seus sonhos: não muito grande, quintal com muita grama e flores, uma piscina pequena, churrasqueira, um forno para assar seus pães de queijo.

E então eu disse: essa casa me parece confortável e agradável.

Depois disso ficamos em silêncio até o final da sessão.

Na sessão seguinte Lívia deita-se e fica em silêncio como de hábito, eu não digo nada, espero.

– Sonhei com você agora de manhã, tive uma noite “picada”, dorme e acorda, na hora me lembrava perfeitamente do sonho, agora não me lembro direito... Eu cheguei e você estava distribuindo, acho, um mapa para os seus pacientes, acho que era um mapa, mas não tenho certeza, talvez fosse um papel com a identificação de seus pacientes e não estávamos só eu e você na sala, tinha mais gente... acho que uma mãe e uma filha, talvez mais gente, e daí eu pedi para você tirar essas pessoas da sala porque com todas aquelas pessoas ali, não ia dar.

Mapas para orientação de espaço e objetos revitalizados, exigência edípiana de privacidade e de exclusão de terceiros?

Em seguida, Lívia disse que teve um final de semana difícil. “Eu só queria dormir, um torpor”, frisou.

– Lá pelas tantas, Vera, eu peguei o livro de Fernando Pessoa e abri em qualquer página, e me dei com a página 78, e era eu, Vera, ele falava de mim, como naquela música do Milton Nascimento: cabe tão bem em mim que não sei como não foi feita por mim. Eu até trouxe o livro para você ver, quero ler para você, e eu fiquei na tarde do domingo no quarto, num dorme e acorda e tocou o telefone, achei que era minha mãe, e eu disse que bom, deve ser a minha mãe, mas não era, era um primo meu e foi muito bom, o telefone me despertou e aí eu fiquei melhor.

– Fora de contato não pode nem dormir e nem acordar e usufruir da companhia do seu marido, filho, mãe...

– É isso mesmo, vou pegar o livro para você ver como sou eu. É só esse parágrafo, olhe! Leia!

Quando Lívia acordou se encontrou em Fernando Pessoa.

Peguei o livro (*O Livro do Desassossego*) e li primeiro sozinha e depois em voz alta para nós duas:

Há sensações que são sonos, que ocupam como uma névoa toda a extensão do espírito, que não deixam pensar, que não deixam agir, que não deixam claramente ser. Como se não tivéssemos dormido, sobrevive em nós qualquer coisa de sonho, e há um torpor de sol do dia a aquecer a superfície estagnada dos sentidos. É uma bebedeira de não ser nada, e a vontade é um balde despejado para o quintal por um movimento indolente do pé à passagem.

– Diz mesmo de você, Lívia. Interessante! Uma bebedeira de não ser nada... a vontade é um balde despejado para o quintal... É assim que você fica em torpor.

– Estou me lembrando de quando estava na faculdade e namorando o E., eu estava com ataque de pânico, acho eu, é uma sensação terrível, um mal-estar horroroso e eu pedi para ele vir comigo no meu apartamento, mas chegando lá não me senti melhor, aí queria que ele fosse embora, eu

achava que era ele quem estava me provocando aquilo, na verdade, hoje eu sei que não era ele, mas eu queria me livrar daquilo que estava sentindo, uma sensação horrível, daí eu cheguei perto da janela, tinha uma janela branca bem grande na sala do meu apartamento e eu pensei “vou me jogar”, mas eu não queria me matar, eu só queria me livrar daquilo, daquele turbilhão.

– E você buscou sossego no torpor.

– Logo em seguida eu dormi, mas não era um sono bom, eu só queria dormir, um sono picado que não me dá sossego.

– É um falso sossego, né, Lívia? Pois na verdade você fica num lusco-fusco que não te deixa nem descansar, nem estar em atividade.

– Fico pensando que se eu comprasse uma casa com um belo quintal, piscina, churrasqueira eu poderia curtir tudo dentro, com meus filhos, meu marido, convidar minha mãe, minha irmã, alguma amiga, eu não precisaria sair domingo à tarde com o meu filho para tirá-lo de dentro do apartamento... Sabe, eu estava pensando outro dia que eu só vou a lugares abertos e claros e que têm plantas. Me fazem pensar que estou num quintal.

– Você está querendo muito sair do seu torpor e adquirir uma condição mental, um espaço interno capaz de abrigar seus gostos, desejos, sonhos, sentimentos, as pessoas que te são caras...

– Estou me lembrando da minha amiga quando a mãe dela morreu. Me contou que na hora que ela estava morrendo gritou: Mãe!!! Acho



– *você está querendo muito sair do seu torpor e adquirir uma condição mental, um espaço interno capaz de abrigar seus gostos, desejos*

que ela estava no túnel vendo aquela luz que as pessoas vêm quando estão morrendo. Ah! Me lembrei (e começa a rir) do burrinho do Shrek, ele dizia: *quando você vir a luzinha, saia correndo!!!*

– O torpor é um jeito perigoso de tentar sossego, Lívia, gera um baita dum desamparo.

– Quando meu pai ia para a praia, ele adorava ir para a praia, ele ficava depois do almoço na rede dormindo, aí acordava e ia meio cambaleando para o mar e se jogava, então ele dizia que não tinha nada melhor do que aquilo, um bom sono e depois aquele choque com a água do mar te acordando.

– No torpor, Lívia, não existe nem dormindo, nem acordado, nem vida, nem morte.

Lívia ficou em silêncio por alguns minutos e chegamos ao final da sessão.

Meses depois Lívia interrompeu a análise. Suas dores físicas estavam atenuadas. Alegou que precisava de mais tempo para se envolver com o projeto de sua casa nova.

Comentário de Carolina Scoz

Breves cogitações sobre transformações infinitas

NOMES PRÓPRIOS

Se concordarmos aqui que narrativas clínicas, tal como obras literárias, trazem pequeninas sutilezas textuais capazes de expressar o que páginas inteiras tentam sofregamente comunicar, podemos dizer, então, que Lívia foi uma escolha bastante acertada para nomear a paciente de que nos fala sua analista.

Eu diria o mesmo a Mary Shelley, caso o destino tivesse me concedido o privilégio desse encontro: o melhor nome para aquele ser bizarro e grotesco – que viveu a procurar um olhar amoroso que o adotasse, condição essencial para se constituir humano – é nome nenhum. Foi o que a jovem escritora britânica fez, marcada que era por rupturas traumáticas (ela que havia perdido



ao ler e reler excertos
de rememoração que sua analista
conosco dividiu, somos postos
face a uma presença lívida

a mãe antes mesmo de conhecê-la e, menos de vinte anos depois, viria a perder Clara, sua filha recém-nascida; ela que fugiu de casa para viver o imoral romance com o poeta Percy Shelley e teve de suportar a culpa pelo suicídio da esposa dele, Harriet). Chamamos a desafortunada criatura de Frankenstein, mas esse é o sobrenome do cientista que a produziu em laboratório, juntando retalhos cadavéricos. O homem sem pais e sem infância nasceu e morreu inominado, repentinamente jogado na vida sem ter quem o protegesse (inclusive dos próprios erros e excessos). Nós é que inventamos de lhe atribuir um nome, cumprindo, após sua morte, o que ele desejou por todos os seus dias e jamais conseguiu experimentar.

Outro exemplo que me ocorre – e um feliz avesso do que acabávamos de recordar – é *Pinocchio*¹. Carlo Collodi, escritor italiano, apresenta-nos a Geppetto e, logo nos primeiros capítulos, testemunhamos o velho carpinteiro recebendo do vizinho um tronco de árvore falante. Sem compreender o inusitado fenômeno sobrenatural, Antônio quer livrar-se daquele objeto atemorizante. Já a Geppetto o presente é bem-vindo, pois a madeira parecia-lhe adequada para que esculpisse uma marionete. Em meados de 1800, a Itália recém-unificada vivia um tempo de extrema pobreza. Naquela singela casa do reservado carpinteiro, faltava quase tudo. Se pudesse fazer apresentações públicas que lhe rendessem algumas moedas, talvez ganhasse o suficiente para ao menos se alimentar e, em noites de inverno, se aquecer ao redor do fogão. Geppetto, portanto, busca

apenas ter um boneco útil. Mas o rústico boneco de madeira, desde sua origem (antes mesmo de ser entalhado), deseja ser um menino. Sabemos que *Pinocchio* pode significar pinhão, isto é, semente, germe, início. Também sabemos que *Pino* é o diminutivo de Giuseppino, por sua vez, diminutivo de Giuseppe, nome original de Geppetto. *Occhio*, em italiano, significa olho. O tronco bruto quer ser visto como pessoa única. Para isso precisará de um adulto que suporte o assombro das muitas transformações por virem. Não será um bebê, estou pensando agora, a centelha de uma existência que nenhum pai ou mãe jamais conseguirá antever? Imaginamos um futuro para nosso rebento – eis que ele surge no mundo e rapidamente subverte as expectativas acalentadas. Gostemos disso ou não, filhos (e pacientes) estão longe de serem bonecos obedientes, marionetes submissas a nossas vontades. Serão quem puderem ser, misteriosa trama de genes, escolhas e circunstâncias. E nós, no melhor dos casos, amaremos esses seres que pouco a pouco vão traçando a própria história. “Que nome inventarei? – disse baixinho, para si mesmo – quero chamar-lhe Pinocchio. Esse nome vai trazer sorte a você.” Além dessas, certamente há outras tantas ilustrações, oferecidas pela literatura, que nos fazem elucubrar sobre a condensação de sentidos geradora de certos nomes.

Lívia, nossa personagem biográfica, assim veio a ser chamada sob motivações que desconhecemos. No entanto, ao ler e reler excertos de rememoração que sua analista conosco dividiu, somos postos face a uma presença lívida, que representa seu distanciamento mesmo quando parece agitada, “uma barata tonta”, como ela própria define, inseto hábil em fugir correndo pelos rodapés, até encontrar uma fresta que lhe sirva de refúgio. Frenético, algumas vezes, mas cronicamente medroso e esquivo (ouvi num documentário que as baratas podem viver cerca de trinta dias sem água ou alimento, fazendo-se parecerem mortas quando há eventuais predadores ao redor).

Não é possível conhecer as associações ocorridas na mente da analista, mas os usuais sentidos dessa palavra ajudam-nos a pensar em Lívia. Diz-se

1 C. Collodi (1883), *Le avventure di Pinocchio*. Cotia, Pandorga, 2022.

que uma pessoa está *lívica* quando surge pálida de aflição, ou ferida por trauma, ou em fase terminal de grave doença. *Livor mortis*, chamam a triste cor arroxeadada que se espalha pelo corpo inerte.

É verdade que, à primeira vista, há certa agitação, o que sugeriria um funcionamento bastante vívido. Lívia frustra-se com o emprego e o troca por outro. Apaixona-se e rompe. Namora e engravida. Casa-se e procura uma casa para morar. E ameaça deixar a analista, muitas vezes e sem rodeios. Afirma que não consegue dormir, nem sonhar. Relata, aos médicos, dor e depressão, e nenhum remédio a livrou desses padecimentos, o que a enraivece. Pergunto-me, porém: essa celeuma está a serviço de quê? O que a “barata tonta” deseja com o corre-corre que a exaure?

Lembra-nos Pontalis² que, distraídos pelo aspecto superficial do comportamento (as qualidades exuberantes), corremos o risco de perder o essencial dessa sagaz intuição freudiana: “é em seu processo radical de *desligação*, de fragmentação, de desarticulação, de decomposição, de ruptura, e também de *fechamento* [...], que a pulsão de morte se exerce”³. Isso significa, ilustra o autor, que “a autossuficiência fascinada ou a dominação onipotente e furiosa exercida sobre o objeto” podem nascer do mesmo déficit mental que as experiências de vazio e inexistência ou branco de pensamento e afeto. Hiperatividade e retraimento seriam, dessa perspectiva, manifestações oscilantes da dificuldade de suportar as turbulências inerentes às ligações afetivas.

Nesses padrões aparentemente opostos, Levy⁴ vê os limites de um “gradiente de intimidade”, isto é, um amplo espectro de níveis de relação com objetos externos ou internos: em nível mínimo de contato, o isolamento autista e sua consequente “desmentalização”; de outro lado, em máximo nível de transbordamento, a fusão narcisista que evita, a qualquer custo, o reconhecimento da alteridade, e, portanto, usa a facilidade da mistura para evitar a complexidade da interação.

Eis um impasse dos mais difíceis: como sustentar uma relação analítica se o paciente desenvolveu eficientes modos de escapar da intimidade?



*como não fazer conluios
bem-intencionados com a
resistência da paciente a conhecer
a si própria na desassossegante
companhia do outro?*

Como introduzir a verdade, experiência desconcertante (e tantas vezes dolorosa), sem desmantelar as obstinadas defesas psíquicas do paciente frente ao imprevisível traumático, tão próprio de toda relação íntima?

Vera, aliás, é o nome da psicanalista que nos apresenta a Lívia, uma informação pessoal que não era necessário aparecer no relato clínico. Assim ela preferiu – e assim o fez. *Vincit omnia veritas* (“A verdade tudo vence”), escreveu o poeta Virgílio, em sua obra *Eneida*. “Nem sempre, lamentavelmente...”, poderíamos dizer ao otimista poeta. Mas, no presente caso, venceu o nome verdadeiro – Vera se revela, em vez de apelar ao substantivo impessoal “a analista” ou ao pronome singular que omite a exata identidade do narrador: “eu”. Contudo, durante o processo de análise junto a uma paciente cuja mente é tão arisca e evasiva – eu me pergunto –, como não renunciar à verdade, como não abrandar ou distorcer nossas percepções emanadas no campo analítico? Ou seja, como não fazer conluios bem-intencionados com a resistência da paciente a conhecer a si própria na desassossegante companhia do outro?

SONHAR-A-DOIS

Podemos imaginar o quão exigentes foram, para a analista, as sessões em que ouvia Lívia. Queixas, críticas, ameaças. Oposições a interpretações sugeridas. Ataques a novos modos de pensar. Quando leio o belo excerto literário de Antonine Maillet, citado por Vera, suspeito que uma dupla comunicação possa ter ocorrido.

A analista confessa seu estranhamento: Lívia parece-lhe ser dessas pessoas que suportam



“com o enorme aceleração da vida, o espírito e o olhar se acostumam a ver e julgar parcial e erradamente, e cada qual semelha o viajante que conhece terras e povos pela janela do trem”.

[Nietzsche]

viver constantemente presas a uma espécie de lógica funcional. Sobrevivem, em vez de experimentar. Lembremos o “romance familiar” narrado por ela: nasceu prematura, de mãe em luto. Um desolado começo, desinvestido do apaixonamento que, geralmente, cerca os bebês. Depois, vieram os anos da infância solitária, em que se escondia no quarto para fugir dos ímpetos agressivos (ou eróticos) de seus pais.

Ela cita o recolhimento, mas não se recorda de brincar ou falar com a irmã que ali perto estava. E percebe apenas naquele momento, ao recordar, que não era indiferente à tia que dela cuidara – surpresa, nota que sentia gratidão. Por muitos anos, sustentou firme cisão entre tais acontecimentos e os afetos deles emergentes, de modo que permitir essas ligações tardiamente pode ser considerada uma importante conquista. “Você buscou sossego no torpor”, diz-lhe a analista, numa sessão.

Fazia, em vez de sentir.

Reclamava, em vez de pensar.

Sofria dor física, em vez de raiva, medo e tristeza.

Em linguagem metafórica, o trecho de Maillet insere no campo uma desestabilização, como se a analista lhe dissesse: “Sabe, Lívia, nem todos

aguentam essa vida maquinal”. Com palavras alusivas, essas fabulações carregadas de força maior do que nossas teorizações interpretativas, Vera tenta perturbar o monótono giro daquela engrenagem psíquica.

Tal associação literária chegou-me quando eu havia acabado de ler *Vita contemplativa*, obra do filósofo Byung-Chul Han⁵. O autor coreano, radicado na Alemanha, explora a seguinte tese, que sintetizarei: “A inatividade é uma *forma reluzente* de existência humana. Hoje ela esmaeceu até se tornar uma *forma vazia* de atividade”⁶. Por “inatividade”, ele não se refere à estagnação ou ao marasmo, assim como “atividade” não traz a usual acepção positiva de requisito fundamental para que a vida exista (e resista). Ao enfatizar que a riqueza psíquica é incompatível com a fissura por adequação, desempenho e consumo, o autor valoriza as transformações invisíveis que ocorrem especialmente quando os atos práticos descansam.

É uma tese convincente. Entretanto, tentemos a negá-la na bruma do cotidiano (outra imagem criada por Lívia: nuvens pesadas e acinzentadas saindo de balões coloridos que estouram), e, por isso mesmo, ela precisa voltar a ser considerada de tempos em tempos, por meio de uma voz que a faça ecoar. Nietzsche, por exemplo, já havia proposto em *Humano, demasiado humano*⁷: “Com o enorme aceleração da vida, o espírito e o olhar se acostumam a ver e julgar parcial e erradamente, e cada qual semelha o viajante que conhece terras e povos pela janela do trem”.

Há uma epidemia de objetividade, denunciam os dois filósofos. Urge, entre nós, “fortalecer em grande medida o elemento contemplativo”⁸, isto é, a exposição corajosa à sempre impactante alteridade, que media nossas relações com as coisas. Isso levado em conta, o mal de que sofre Lívia não parece mesmo ter chance de remissão natural no *Zeitgeist* contemporâneo.

Quem sabe, ao evocar a imagem da torre solitária – eis aqui, novamente, a esplêndida riqueza das memórias-sonho –, Lívia reconhecesse sua necessidade de um outro para sair do confinamento medroso, como se propusesse a Vera:

2 J.-B. Pontalis, *Entre o sonho e a dor*. São Paulo, Ideias & Letras, 2005.

3 J.-B. Pontalis, *op. cit.*, p. 260.

4 R. Levy, *A simbolização na psicanálise: os processos de subjetivação e a dimensão estética da psicanálise*. São Paulo, Blucher, 2022.

5 B.-C. Han, *Vita contemplativa: ou sobre a inatividade*. Petrópolis, Vozes, 2023.

6 B.-C. Han, *op. cit.*, p. 10.

7 F. Nietzsche, *Humano, demasiado humano: Um livro para espíritos livres*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005, p. 175.

8 F. Nietzsche, *op. cit.*, p. 177.

“Com você, talvez eu consiga...”. Quem sabe buscasse uma ouvinte capaz de fazer “das tripas, coração”. Ou de “tirar leite de pedra”. Expressões da sabedoria popular que, aqui entre nós, representam a transformação da realidade bruta em patrimônio emocional, algo que a relação analítica tem extraordinária vocação para suscitar.

Nunca saberemos aonde Lívia e Vera chegaram, mas temos elementos para supor de onde a dupla partiu. A analista sonha, em voz alta, com a possibilidade de sonharem juntas – o que torna a leitura de Mailet na sessão também uma honesta confissão contratransferencial. Mas essa é justamente uma paciente que teme sonhar: para ela, a contemplação, o encantamento, a metaforização, o trabalho do luto, essas e outras formas livres de pensar, oferecem perigo de morte. A propósito, a similaridade entre os termos alemães *pensar* (*Denken*) e *agradecer* (*Danken*), fato curioso registrado por Heidegger, advém, exatamente, dessa abertura – tão necessária – para que irrompa o ato criativo. Lívia raciocinava, mas não era capaz de pensar, conta-nos sua analista. Narrava, mas era incapaz de cogitar novos sentidos (ideia a revisitar: que o temor possa nos fazer mais ingratos e, por sua vez, a ingratidão nos fazer mais solitários).

Quando Ismália enlouqueceu
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu
Viu outra lua no mar.

Começa assim o poema de Alphonsus de Guimaraens, poeta mineiro, publicado em *Pastoral aos crentes do amor e da morte*⁹. É desse verso que Lívia se recorda. O que ela não cita é que, ao final do poema, Ismália morre numa queda. Cogito ser essa uma espécie de convicção inconsciente: deixar-se levar por imensidões desconhecidas traz, em si, risco de fatalidade. Sair da lívida reclusão é quase sinônimo de aniquilação.

As asas que Deus lhe deu
Rufaram de par em par...



é desse verso (“Quando Ismália enlouqueceu”) que Lívia se recorda. O que ela não cita é que, ao final do poema, Ismália morre numa queda

Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...

Vale evocarmos, ainda que num parágrafo, o intrigante sonho noturno que Lívia recompõe na presença da analista: ela se vê numa cama, cercada por dois homens. O que a cena terá significado? Quem sabe, um truque onírico para não se relacionar com nenhum deles, num desses triângulos que usam a variedade para evitar a intimidade? É a grande semente apoiada sobre o abdômen – será representação da fertilidade ao alcance de mãos que se apressam a destruir o continente de onde algo novo poderia surgir?

Lívia não suportou apaixonar-se, e quase podemos dizer o mesmo sobre a gestação. Vertiginosamente transformadoras – e fora de previsão ou controle –, as duas experiências a adoeceram. Repetiu-se, no sonho, o defensivo ataque à vulnerabilidade ao outro? Ou, ao contrário, o que a analista captou, naquela sessão, foi o desejo de Lívia por reparar o dano inconsciente que ela própria causou, ao relacionar-se, esquivamente, com potenciais objetos de amor? Estaria ela em busca de ligações penetrantes, por mais atemorizantes que fossem?

São esboços de questões irrespondíveis. Única conjectura próxima da verdade, que é tão inalcançável, exceto à Vera: Lívia, a jovem pragmática e queixosa, começou a sonhar na companhia dessa analista.

O OITAVO DIA

Um texto nunca chega realmente ao fim – nós é que precisamos encerrá-lo. Vou aqui recontando o número de caracteres, à medida que digito, sob



*e bem por não existir
desfecho para nossas intensas
relações objetais, resta-nos
uma contemplação que nunca
atinge resolução*

a inútil esperança de que consiga expandir tudo o que deixei anotado em folhas de rascunho.

Escrevemos, diz Antonine Mailet¹⁰, citada por Vera, porque o mundo está inacabado, essa obra descomunal feita em sete dias de labuta divina. Ou quase cinco bilhões de anos de evolução, não importa qual referência ocorra-nos usar. Nosso ofício infinito existe porque precisamos comunicar, pensar, guardar, recordar e imaginar – atos elaborativos que nos definem humanos. Nosso ofício de escrita é, em essência, trabalho de luto. A antiquíssima ideia bíblica recuperada por Mailet mostra aqui, então, uma potência metafórica que extrapola o âmbito da religião: o oitavo dia é aquele que se sobrepõe ao primeiro. Duas pontas temporais unidas: um domingo ligado ao domingo seguinte, o nascimento do mundo e sua inesgotável reinvenção, o caos inicial e o vão esforço de completude.

Uma análise também jamais chega ao fim, e, no entanto, os pacientes vão embora. Por isso, talvez, seguimos a escrever sobre aqueles que se foram, e – passado o estado de sacralidade que reveste nossas próprias análises – ensaiamos alguma compreensão retrospectiva das longas experiências pessoais (“análises didáticas”, nome tão reducionista...), que, um dia, viemos a interromper.

Não que fosse, propriamente, uma extinção natural, chama de fogo a se apagar aos poucos – nós é que abreviamos o processo que Freud entendeu

ser interminável¹¹, uma transformação dinâmica, muito distante de algo que pudesse ser equacionado à supressão de defesas ou à cura de sintomas. E bem por não existir desfecho para nossas intensas relações objetais, resta-nos uma contemplação que nunca atinge resolução (“elaborou o luto”, assim como “elaborou o Édipo”, quando expressões conjugadas no pretérito simples, nada mais são que ideias alentadoras). Resta-nos, enfim, transformar amores passados em histórias inacabadas que voltaremos a ler, detalhar e editar, vida afora.

Enquanto me volto a essa tarefa alegre e honrosa, instigada pela revista *Percurso*, vejo transcorrerem as primeiras semanas desde que perdi minha mãe. Num daqueles anoiteceres luminosos de dezembro, entre o Natal e o Ano-Novo, ela partiu. Como era seu costume, decidiu-se silenciosamente e fez o que bem quis: às vésperas da cirurgia, fechou os olhos pela última vez, mergulhando no sono mais profundo. Posso escrever muitos textos sobre a orfandade que essa súbita ausência fundou – e serão insuficientes, e lacônicos, apenas *flashes* desse caleidoscópio de emoções e memórias a pedir que eu continue a fitá-lo em sua infinidade de composições.

Lívia foi-se, a seu modo. Alegou que precisava dedicar-se à nova casa, o que pode ser um ressurgimento do apego defensivo à concretude, ou, bem ao contrário, uma maneira consistente de reconhecer o legado que a análise lhe deixou: um lugar psíquico mais amplo, no qual tentaria, agora, viver suas experiências. Seja como for, apesar da separação, Vera não decretou o fim do caso; em vez disso, foi ao encontro do “oitavo dia”, após a labuta de ambas no divã.

E, por nos oferecer fragmentos clínicos, sua paciente ganha nova existência – imaterial, onírica, compartilhada (única forma de eternidade que conhecemos) – em nossas mentes inquietas de leitores-psicanalistas.

9 A. Guimaraens, *Pastoral aos crentes do amor e da morte*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2020.

10 A. Mailet, *On the eighth day*. Goose Lane, 2006.

11 S. Freud (1937), Análise terminável e interminável, in J. Strachey (ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXIII, p. 231-270. Rio de Janeiro, Imago, 1996.

Comentário de Rahel Boraks
*A voz moldada na ausência da presença
acolhedora do entorno*

VAZIOS DE LUZ

É uma honra ter sido convidada para, junto aos colegas, ter oportunidade de refletir sobre material clínico e buscar em mim as transformações que minha experiência permita compartilhar. No entanto, não deixei de considerar que cada texto é a absorção e a transformação de outro, e que certamente o meu escrito também seguirá esse roteiro.

Se absorvo, brinco e posso usar contribuições psicanalíticas, fazendo com que se interrelacionem dentro de mim, e, assim, surjam novas perspectivas e surpreendentes questões do fazer clínico, sinto que estou tendo a chance de desenvolver uma nova forma de comunicação, uma nova língua até agora desconhecida para mim.

Vale ressaltar a diferença entre as transformações de um texto e a possibilidade de participar, ainda que parcialmente, do que ocorre quando analista e analisando estão entrelaçando histórias e experiências, na esperança de encontrar maior vitalidade e novos horizontes. Esse é o ganho que experimento no material clínico aqui apresentado.

As primeiras perguntas com as quais me vi confrontada: Qual é o sofrimento de Lívia? O que não foi bem em sua história de vida? Como foi que ela chegou a tanta dor para a qual, muitas vezes, ela não tem nome?

Parece que, desde o início, sua busca se caracterizou pelo anseio de um encontro que se adapte a si, que seja capaz de reconhecer suas necessidades e que tenha, por sustentação, a ética humana antecedendo a ontologia. Quando me refiro à ética humana, busco enfatizar um cuidado que sustenta a construção de caminhos que lhe permitam sentir-se viva, desfrutando o sentimento de que vale a pena viver e se enriquecer com as trocas das inevitáveis diferenças com o outro.

Winnicott, em seu texto “O medo do colapso”, sugere que o medo vivenciado nos momentos de colapso é medo de rupturas anteriores na continuidade de ser, e ou na manutenção e estabelecimento

»»
*Lívia vive assombrada
por terrores de toda ordem,
estando catapultada em terreno
de agonia. A agonia se presentifica
nela de forma difusa*

da confiança e da previsibilidade. A descrição do seu casamento sem nenhuma celebração remete a um viver sem tempo nem espaço para novos investimentos. Tudo se dá por saltos que ignoram profundas fendas que impossibilitam a apropriação em sentido pessoal, exigindo uma maturidade que ainda não foi alcançada. Desse modo, está presente em Lívia, por longo tempo, a certeza de sua incapacidade para tolerar qualquer dor ou qualquer demanda que a vida lhe propusesse.

Lívia vive assombrada por terrores de toda ordem, estando catapultada em terreno de agonia. A agonia se presentifica nela de forma difusa. O susto, a perplexidade, o espanto e o corpo oco fazem com que se ancore na sexualidade para encobrir o buraco de si.

A busca de um encontro que não aconteceu é a forte marca proposta por ela desde sua chegada, apontando para a prisão que é garantia de dor sem fim. Como diz Manoel Bandeira: “Tem mais presença em mim o que me falta”.

Cito em trabalho anterior (“Entre agonia e desamparo”) que se há uma perda ou inexistência da função acolhedora primária o resultado não será a vivência de desamparo, e sim um estado de agonia que faz o sujeito estar em eterna busca, sem nenhuma chegada.

Em outra perspectiva, podemos lembrar as considerações de Roussillon¹² em que se enfatiza a importância da identificação narcísica primária. Tendo uma frágil identificação narcísica primária que não se faz base suficiente para adentrar o mundo e participar deste com liberdade e criatividade, o indivíduo toma para si as falhas e se melancoliza. Esta é uma visão que ajuda a dar



*esta necessidade sexual
ainda precisava de um longo
caminho para alcançar
a sexualidade como encontro
íntimo, prazeroso e criador*

forma à dor e ao estado em que Livia chega pedindo socorro.

Aprisionada em ruptura, espera por reencontrar aquele que a ame para poder alcançar, dentro de si, a marca de ser amada, conseguir forças para se libertar e seguir seu impulso natural para a vida, para a realização de sua potencialidade e expansão de sua vida interior.

Se nos perguntarmos o que leva um indivíduo a ser aquele que tem força de vida ou um “ego forte” diríamos, junto a Winnicott, que é aquele que tem dentro de si o registro de ter sido amado por alguém. Aquele que tem em si a marca de ter sido muito importante para aquele que foi um aliado primário¹³.

Através de apatia, caos, entorpecimento e desorientação, mostra a prisão na qual se encontra. Passando a usar trechos publicados pela analista: “Livia mergulhou quando se viu fortemente atraída por um colega. O desejo sexual que sentia por esse homem provocou um estado mental de intensa desorganização e tumulto”.

A impossibilidade de representação verbal e a falta de uma forma/continente que pudesse sustentar as líquidas sensações dentro de si se faziam presentes na superficialidade e concretude de suas falas. Seu desespero era a comunicação de quão presente era a ausência dentro de si e quão ausentes estavam os apoios contínuos e fundantes, contribuindo para o vazio interior. O buraco presente ressurgia na dupla, sendo a analista continuamente convocada para o junto,

para a superação dos obstáculos internos que paralisavam o alcance dessa experiência.

Tanto Freud quanto Winnicott chamam a atenção para a importância da distinção entre instinto e pulsão, mostrando que são domínios diferentes. O primeiro tem a ver com a construção do si mesmo, enquanto o segundo depende de um amadurecimento que possa tolerar a intensidade pulsional, sua deriva e variabilidade.

Penso que o desejo “sexual” de Livia era sua forma de clamar pela necessária adaptação e reconhecimento de suas necessidades. Era a analista que precisava se fazer este objeto presente, mas, sendo uma presença paradoxal, não percebida como um outro e sim como um aliado primário, alguém que com ela pudesse estabelecer um em, ou, dito de outro modo, ter a possibilidade de se sentir hospedada no corpo deste aliado, lhe sendo possível a comunicação intercorpórea com este aliado a quem, paradoxalmente, não é possível atribuir a categoria de objeto por ser, para o estado primitivo da mente, uma continuação de si.

Esta necessidade sexual, confundida por Livia com sexualismo, ainda precisava de um longo caminho para alcançar a sexualidade como encontro íntimo, prazeroso e criador. “Meu mundo interno está inacabado, é pequeno demais, insuficiente, imperfeito” e por isso gerando muita raiva. Sua busca fazia um constante reencontro com o vazio, com o encontro que não aconteceu e com a perda da esperança. É importante lembrar que quando as falhas primeiras não são corrigidas os transtornos subjetivos se repetem, as descontinuidades se desdobram em fragmentos ou clivagens, que levam a uma vivência de quebra interior.

“Ontem ficou comprovado o que sempre pensei sobre a psicanálise... um tratamento longo e dispendioso que nos faz chegar ao óbvio, ao que sabíamos desde o início.” Esta é a conexão com o surgimento da poesia de Antonine Maillet que apontava para um mundo interno pequeno demais, aquele que ainda não alcançou a expansão que permite o estado de mente “virgem outra vez”.

Segundo Winnicott, o paciente necessita das falhas do analista para experienciar, comunicar e

12 R. Roussillon, *Logiques et Archéologiques du Cadre Psychanalytique*. Ed. Le Fil Rouge, 2012.

13 R. Boraks, Entre Agonia e Desemprego. Trabalho apresentado na SBPSP em 3 set. 2020, durante reunião científica.

torná-las uma experiência sob domínio do seu ego. O manejo dessas situações consiste em acolhimento e aceitação de que falhamos, e isso implica levar em consideração o ponto de vista do paciente. Reações, por vezes carregadas de truculência, evidenciam o medo de que novamente as falhas sejam repetidas. O que importa nesse momento é não repetir o desencontro, mesmo que do nosso ponto de vista a falha não tenha acontecido. É importante que a necessidade original do paciente seja reconhecida.

Como consequência de sua (Lívia) falta e impossibilidade de a analista oferecer algum outro horário, se instaura a necessidade de ver o outro, reconhecê-lo como alguém que também, como ela, tem necessidades e limitações. Tal condição está distante para Ismália, que enlouquece e mobiliza todos os seus recursos para preservação de si, ao buscar o abraço da lua luz que, através de sua sombra, dá notícias de Lívia.

Observando o caminhar do relato, me parece que a partir daí se dá uma grande aproximação na dupla. Lívia busca Vera para que lhe ajude a encontrar, na relação, o reflexo de si, aquele com o qual possa se identificar. Um olhar de Vera que, pousado sobre Lívia, permita a sua descoberta e se conjugue com a constituição de sua identidade.

“Acho, Vera, que eu quero muito descobrir aqui o que se passa comigo, o que se passa na relação com meu marido, o que, de fato, aconteceu comigo aos vinte anos com E. (namorado de vários anos), o que aconteceu comigo que fui perdendo o interesse, minguando.”

Uma conjectura possível me leva à hipótese de que em nenhuma dessas relações Lívia se sentiu vista, de modo a dotá-la de um corpo que lhe permitisse encontrar o contorno de si. Assim, ela repete e repete aprisionada, não tendo outra possibilidade a não ser habitar o vazio onde procura sem sucesso os elementos que poderiam se combinar dentro dela e ajudariam a realizar um nascer para dentro.

Utilizando e desdobrando questões inicialmente abordadas por Winnicott¹⁴, Roussillon enfatiza a importância do jogo do carretel na relação analítica. É este brincar que permite que elementos experenciados se relacionem entre si. A falta



*a descrição da casa dos sonhos,
e tudo que poderia ser alcançado
nela, parece ser a busca
de sustentação da esperança
do futuro de si*

dessa integração retém o sujeito em infundáveis buscas que terminam em não realização.

Na tentativa de escapar desse estado vazio, do sequestro em agonia e da consequente quebra psíquica, surgem em Lívia narrativas de suicídio, impulsos que buscam libertação de experiências traumáticas, que jamais puderam ser elaboradas. O vazio interior que se liga à falta de uma coabitação primária, que deveria ser canibalizada, criando um interior vivo e exterioridade ampla, não está presente em Lívia, que experimenta o fracasso de conter e de suportar amputações de si e hemorragia de substância vital¹⁵.

A descrição da casa dos sonhos, e tudo que poderia ser alcançado nela, parece ser a busca de sustentação da esperança do futuro de si.

Ao longo do tempo e em função de extenso trabalho da dupla, Lívia cresce. Se estabelece entre ela e Vera um novo brincar. Se até aqui o brincar envolvia a constituição de si e o desafio de conviver e tolerar a lógica dos paradoxos, neste momento a questão é outra. O brincar edípico requer a tolerância de conflitos e relações entre objetos, envolve maior requisição e maior tolerância de excitação interna e externa, a busca por novos caminhos para se relacionar com outro e crescer com as diferenças.

Chegar a esse brincar revela ter alcançado o início da construção da tópica interior. Lívia consegue usar a relação analítica de outra forma. Agora, tendo acesso a um pensar pessoal que, apesar de sua aparente simplicidade, não se explica por um único elemento. Ela depende de – e exige – núcleo consistente e casca maleável e sensível às diferenças.

Um jogo diferente do jogo primário, no qual prevalece a questão da ausência e presença, agora



*parece que Livia conta
o quanto é abominável seu tédio
e a perda do desejo
que se transforma em vazio
e empobrecimento de si*

se faz presente no silêncio, representando o intenso trabalho psíquico no qual Livia está imersa.

Vera, agora, é o objeto em relação ao qual Livia pode sustentar distância e diferença, enquanto se percebe confrontada com novos desafios. Vera é o Outro, assim também está Livia, aquela que tem mundo interno habitado por outras relações e convoca em direção à difícil travessia da regulação pulsional.

A pulsionalidade agora muito mais intensa, mais vigorosa, exigindo ligações conscientes e inconscientes das pulsões, imagens e afetos que se expressam em fantasias ou em fontes de desejos particulares, orientados em direção a objetos específicos. O medo do que significa o crescimento é expresso na tentativa de retornar à relação dual: “...tocou o telefone, achei que era minha mãe, e eu disse que bom, deve ser a minha mãe, mas não era, era um primo meu e foi muito bom, o telefone me despertou e aí eu fiquei melhor”.

Livia progride, sua vida pulsional se presentifica, mas a fragilidade de seus arranjos internos faz com que surja medo de suas intensidades. Diante dos novos desafios recorre, ainda que de modo inconsciente, a forte autocontrole e, como consequência, se vê tomada por tédio, uma pausa frustrante no seu anterior estado de absorção, observação e notação. É um estado sofrido, pois não há, de fato, a espera por algo, há a espera por si mesma.

A respeito das consequências do tédio, cito inicialmente Pascal, que liga o tédio à nossa carência primordial, carência de algo que ainda não se constituiu: “Tédio – Nada é tão insuportável ao homem, quanto estar em pleno repouso, sem paixões, sem negócios, sem divertimento, sem atividades. Ele então sente seu nada, seu abandono, sua insuficiência, sua dependência, sua impotência, seu vazio. Imediatamente sairá do fundo de sua alma o tédio, o negrume, a tristeza, a aflição, o despeito, o desespero”¹⁶.

Para Adam Phillips, o tédio é a espera inconsciente para o encontro de previsibilidade, ou seja, de uma “expectância”, apetite ou desejo. Trata-se de um processo precário no qual a esperança está presente de modo disperso.

Assim, Livia espera sem esperança poder ter acesso a sua esperança, mas recorre à companhia da poesia. É nessa expressão cultural que Livia encontra o rosto que a cultura nos oferece e no qual ela pode se ver e trazer o que vive nesse momento, nas palavras de Fernando Pessoa: “Há sensações que são sono, que ocupam como uma névoa toda a extensão do peito, que não deixam pensar, que não deixam agir, que não deixam claramente ser [...] É uma bebedeira de não ser nada, e a vontade é um balde despejado para o quintal por um movimento indolente [...]”

Parece que Livia conta o quanto é abominável seu tédio e a perda do desejo que se transforma em vazio e empobrecimento de si. Sente que o esvaziamento que experimenta destrói o relacionamento do eu com o corpo, do eu com o espaço interior povoado de emoções, sentimentos e todo tipo de experiência, trancando-a novamente em lógica binária.

A inquietude, o tédio, o silêncio da página em branco, a aridez da alma é a resposta dada para sobreviver ao meio mudo, sem resposta. É a perda da esperança de renascimento alegre, de um self infinito, reencontrado com a confiança e esperança de que vale a pena viver.

“Estou me lembrando quando estava na faculdade namorando o E., eu estava com ataque de pânico, acho eu, é um sensação horrível, um

14 D.W. Winnicott, O brincar: a atividade em busca do eu, in *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

15 R. Boraks; M. Rozenberg, Vazios, in I. Sucar; H. Ramos (orgs.). *Winnicott Ressonâncias*. São Paulo, Primavera, 2012.

16 Apud D. Anzieu, *O pensar – do eu pele ao eu pensante*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2002, p. 129.

mal-estar horroroso e eu pedi para ele vir comigo no meu apartamento, mas chegando lá, não me senti melhor, aí queria que ele fosse embora, mas eu queria me livrar daquilo que estava sentindo, uma sensação horrível, daí eu cheguei perto da janela, tinha um janela branca bem grande na sala do meu apartamento e eu pensei ‘vou me jogar’, mas eu não queria me matar, só queria me livrar daquele turbilhão.”

Parece que as fortes excitações que experimentava não podiam ser toleradas. As barreiras que deveriam deixar passar a força e se espalhar por todo ou parte do organismo não estavam lá ou não tinham força suficiente. A excitação que, advinda do exterior ou do interior, vem primeiramente do corpo e depois da psique, chegava como um “tsunami”. Diante de excitação muito intensa e desorganização psíquica, Lívia passa a sonhar com o excesso submetido a uma descarga automática no mundo exterior ou no corpo. É essa descarga que cria torpor, passando a ser uma falsa superfície de paraexcitação. Uma homeostase forjada no bom, sem sentir o ruim, a convocação para intenso trabalho interior. Base imaginária que rapidamente exhibe sua fragilidade. Lívia percebe que esse vazio não é sossego. É preciso fazer jogar os elementos intrapsíquicos entre si.

Parece que Lívia vivia a mistura de afetos eufóricos, disfóricos, amáveis e/ou gentis, desagradáveis, frustrantes, mas o que contava para sua



*Lívia busca um mundo
com o qual esteja comprometida
e no qual se sinta inserida com nova
oportunidade de experimentar
a presença de si*

excitação era o grau de violência que o afeto exigia que ela pudesse tolerar. No entanto, pode-se ver no material que Vera compartilha o pensar de Lívia, pode se ocupar dessas vivências e transformá-las em enriquecimento de si.

Reconsidera agora sua nova condição emocional e os recursos de que dispõe para possibilitar a si mesma a utilização e o acesso ao que antes era impensável.

– *Uma casa linda com belo quintal, piscina churrasqueira [...]*

É assim que Lívia busca um mundo com o qual esteja comprometida e no qual se sinta inserida com nova oportunidade de experimentar a presença de si e a vida de modo mais pleno. Modo este que não evita as dores da passagem do tempo e as perdas inevitáveis do crescimento.

Finalizando cito Didier Anzieu¹⁷: “Não se pode pensar em tudo. Os pensamentos estão em ilimitada expansão como o universo das estrelas”.

Aberto para a expansão dos leitores.

17 D. Anzieu, *op. cit.*, p. 14.